OHLWEILER, L. Introdução. In: ROTTA, N. T.; OHLWEILER, L.; RIESGO, R. S. (2006) Transtornos de Aprendizagem: abordagem neurobiológica e multidisciplinar. Porto Alegre: Artmed, p. 3-8.

ROMAGNOLI, G. C. (2008). Discalculia: Um desafio na Matemática. Trabalho realizado para obtenção do grau de especialista em Distúrbios de Aprendizagem, Centro de Referência em Distúrbios de Aprendizagem, São Paulo.

SILVA, L.; SILVA, C. (2009) Consequências sociais e emocionais da dislexia. p. 22.

SILVA, M. C. (2008). Dificuldades de Aprendizagem em Matemática: A manifestação da discalculia. Texto Editores, Lisboa.

SILVA, W. C. (2008). Discalculia: Uma abordagem à luz da Educação Matemática. Relatório

Final (Project de Iniciação Científica). Universidade Guarulhos, Guarulhos.

SIQUEIRA, C. M.; GIANETTI, J. G. (2011) Mau desempenho escolar: uma visão atual,

Revista Associação Médica Brasileira, v. 57, n. 1, p. 78-87.

SPRATT, R. H. Learning disabilities. In: HEWARD, W. L. Exceptional children. Ohio:

Pearson, 2006. p. 178.

TELES, P. (2009). Dislexia: Método Fonomímico - Abecedário e Silabário. Lisboa: Distema.

TORRES, R. & FERNÁNDEZ, P. (2001). Dislexia, Disortografia e Disgrafia. Amadora:

McGrawHill.

A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS NO ENSINO FUNDAMENTAL

ILDENICE PEREIRA DE MOURA

RESUMO

O objetivo deste trabalho é buscar e compreender o conteúdo da arte de contar histórias no início do ensino fundamental. O gatilho para esta pesquisa é a estranha falta da prática de contar histórias, tanto como conteúdo quanto como estratégia de ensino. Além do objetivo citado acima, também analisaremos as conquistas da arte de contar histórias nas escolas primárias, e o propósito é estabelecer uma estrutura de análise. Além dos destaques necessários para a formação de alfabetizadores, também temos a oportunidade de identificar áreas, instituições e pesquisadores que enfocam o assunto. Metodologicamente, trata-se de um estudo apoiado em bibliografia que, segundo Ferreira (2002), ajuda a propiciar a circulação e a troca do que foi construído, contribuindo para o que ainda não foi construído e otimizando todos os aspectos do estudar. No entanto, por meio dos trabalhos pesquisados verificou-se e descobriu-se que essa afirmação é na verdade uma falta de preparação para exercícios de contação de histórias. Esse despreparo é entendido como necessidade de uma especialização, razão pela qual discordamos, pois entendemos a necessidade da contação de histórias como conteúdos e estratégias de ensino.

PALAVRAS-CHAVE: A Arte de Con-

tar Histórias; Ensino Fundamental. Formação de Professores.

1 INTRODUÇÃO

No movimento teórico/prático que constitui o currículo da pedagogia, pela invasão, pela prática curricular, pela importância da narrativa, como conteúdo e estratégias necessárias para constituir o desejo e a dinâmica da leitura, anunciando e observando o processo de aprendizagem de crianças de 6/12 anos. Portanto, acreditamos que a arte de contar histórias é a atividade básica de construção do conhecimento, por isso queremos saber: o que se fala dela, quais regiões e pesquisadores preocupados com o assunto que perspectivas de treinamento foram anunciadas e ou geradas a partir da pesquisa de posicionamento? Para responder a essas perguntas, nosso objetivo geral é analisar as conquistas da arte de contar histórias nas escolas primárias nacionais para apoiar a formação e o desempenho de professores de alfabetização na atuação profissional.

Metodologicamente falando, trata-se de um estudo de suporte bibliográfico. Segundo Ferreira (2002), esta pesquisa ajuda a promover a circulação e troca do que foi construído e, dessa forma, contribui com o que não foi construído e otimiza todos os aspectos da pesquisa. Por isso, ao focar a produção nacional na arte de contar histórias do ensino fundamental, buscou-se explicar as principais características e contribuições dessas obras, seja para as práticas pedagógicas exigidas para a alfabetização, seja para a formação e atuação de professores, mas também para a formação de leitores.

O maior desafio enfrentado nesta pesquisa é compreender o processo de composição da narrativa como conteúdo e estratégias de ensino/aprendizagem. Os primeiros alunos do ensino fundamental treinam os leitores especialmente por meio da criatividade e dos processos criativos.

Portanto, professores e familiares precisam cooperar para despertar o interesse dos alunos pelo estudo da arte de contar histórias e se tornar um intermediário para que os alunos adquiram e estimulem a leitura.

2. DESENVOLVIMENTO

Além da educação infantil, a trajetória da arte contadora também decorre da importância das histórias, do conteúdo, da leitura e das estratégias infantis de contação. Dizemos isso além da educação infantil, porque pesquisadores e programas de formação de professores em sentido estrito. Por isso, acredita-se que este tipo de ritual, compromisso e prática de contar histórias requer a mobilização moral dos professores, a paixão pela magia, e a imaginação criativa e criatividade de professores e crianças.

Nesta perspectiva, buscou-se alguns indicadores e/ou reflexões na literatura infantil para abrigar a discussão em questão. A literatura infantil se divide em dois momentos: lendária e escrita, como não havia registro, a lendária apareceu como um exercício de comunicação e disseminação de conhecimento entre os sujeitos. Por outro lado, a literatura escrita nasceu no século XVII, com a reorganização do ensino e a prática de tais rituais, compromissos e contação de histórias, acredita-se que a mobilização moral dos professores, o entusiasmo pela

magia e a imaginação criativa, e a criatividade são necessários para ambos os lados: professor e criança. Nessa perspectiva, buscamos alguns indicadores e ou reflexões sobre a literatura infantil, forneça abrigo para discussões na tela.

No momento, ousamos questionar: a história é contada entre escolas, famílias, adultos e amigos em processos de relacionamento, ainda é um dos exercícios de proteção da tradição? Vale a pena ter esse tipo de conteúdo e/ou estratégia educacional formal e informal nos tempos modernos, seja na escola ou na família? Se os exercícios de narração de histórias foram reduzidos e / ou reconfigurados, como estão estruturados?

Outro aspecto interessante que se anuncia subjetivamente é que as histórias contadas contribuem para o desenvolvimento de relações e funções mentais superiores, entre as quais, em particular a memória. As mudanças dinâmicas no comportamento humano, prática social, organização social, processos educacionais, escolarizados e não-escolarizados (como o processo de contar histórias) estão localizadas em contribuições significativas de diferentes práticas educacionais e diferentes momentos históricos.

Coelho (1995), Moraes (2012), Abromovich (1997), Bamberger (1995) e Oliveira (2008), enfatizam que contar histórias é um dos principais meios de desenvolvimento da linguagem e treinamento de futuros leitores. Eles também reiteraram que essa abordagem também é reconhecida e validada como uma forma de expandir o vocabulário, trazer de volta memórias do passado (memória de longo prazo) e fazer brinquedos e jogos de palavras. Certamente acredita-se que contar histórias a nossa maneira, com suas diferentes estratégias, ajuda a criar perspectivas para o futuro e, por meio da imaginação e da fantasia, possibilitaram e possibilitam tornar possíveis sonhos que normalmente são impossíveis.

Moraes (2012) afirma que contar histórias é a arte de brincar com as palavras e com o pensamento, diz que ouvir histórias é viajar pelo mundo sem sair de casa, é um diálogo com o texto, o autor e você, e o estabelecimento de vínculos afetivos.

Batista (2007) enfatiza que ouvir histórias é uma atividade divertida que as crianças e os jovens esperam independentemente da idade e nível de escolarização.

Portanto, é nossa responsabilidade reiterar que a arte de contar histórias pode se transformar em magia, charme e criatividade, ao mesmo tempo, não podemos ignorar o movimento oposto ao anterior. Para Abromovich:

[...] —há quem conte histórias para enfatizar mensagens, transmitir conhecimentos, disciplinar, até fazer uma espécie de chantagem - se ficarem quietos, conto uma história, se isso, se aquilo... – quando o inverso que funciona. A história aquieta, serena, prende a atenção, informa, socializa, educa. (ABROMOVICH, 1997, p.18).

Supondo que haja uma contradição e que a maioria das pessoas queira verificar nossas crenças, não acreditamos em usar contar e ouvir histórias, aprender a ler e a escrever, apenas como desculpa, mas como texto, está localizado na realidade da vida, cuidadosamente trabalhada a partir de exercícios e experiências inerentes a relação entre cultura e sociedade, ética, estética e educação.

Os livros e as histórias que ouvimos

quando éramos crianças estão todos na nossa memória, enquanto a memória voltar, a história não terá fim. Quando termina, fica na mente das crianças que o usa como alimento para sua imaginação criativa, que além de ser um comportamento interessante, contar histórias também contribui para aspectos emocionais, sociais e atenção dos sujeitos envolvidos.

Nesse sentido, a importância da leitura passa a ser uma atividade permanente, principalmente na escola, isso não significa negar a importância e a contribuição de diferentes espaços e locais. A prática de leitura referida não se limita a leitura de informações, ela é um processo de alfabetização diversificada, permeada por diferentes linguagens e possibilidades de aprendizagem. Contar histórias é um incentivo para a prática de leitura, escrita, conversação, o que ajuda muito na expansão do repertório formativo em diferentes línguas, utiliza-se discussões relacionadas a arte de contar histórias e ou contação de histórias nas series iniciais do ensino fundamental como conteúdo e ou estratégia de ensino para debater, e somos marcados pela ausência e ou próximos do silêncio.

Além disso, impulsionado pela provocação, quem deve contar uma história é um contador de histórias profissional, pois segundo alguns argumentos nós professores, são sabemos como fazê-lo com as competências necessárias, como se tivéssemos voltado ao passado. Os autores que acompanham esta discussão reforçam a crença de que a arte de contar histórias precisa ser revivida, mais uma vez como uma possibilidade de interação e diálogo entre gerações e famílias diferentes.

A arte de contar histórias e as práticas educacionais oferecem inúmeras possibilidades de formação que permitem, transformam e ou inovam. Acredita-se que essa arte de contar histórias, em ambientes escolares de forma sistemática, como conteúdo e estratégia, tem uma grande contribuição no processo de cultivo do interesse de crianças e jovens pela prática da leitura e da escrita.

Os professores devem contar histórias em uma postura agradável e confortável, ou seja, organizar as crianças em um ambiente agradável para que todos possam ver os olhos do contador de histórias, construir cumplicidade entre ouvinte e falante por meio da história, inspirar encantamento, gosto pela leitura e imaginação. Contar histórias é uma forma de aproximar as crianças dos livros, especialmente quando elas ainda não conseguem ler ou estão aprendendo.

Portanto, é necessário a mediação do professor na hora de contar histórias, pois se a forma de contar despertar o interesse do aluno, seu aprendizado também será desenvolvido. Para contar uma história, o professor deve conhece-la, lê-la várias vezes e, então, em cada leitura, prestar atenção aos detalhes que não serão percebidos na leitura.

Ao contar deve-se ter a consciência daquilo que se conta, ou seja, deve-se conhecer antes a história, para que a sonoridade das palavras, das frases, o ritmo flua de modo equilibrado, harmonioso, como um critério da arte de contar que seja capaz de envolver com as diversas modalidades da voz conforme a ação narrativa, valorizando cada momento, criando o clima de envolvimento e construção e ações no imaginário das crianças inclusive saber anunciar que a história acabou, sempre com o gostinho de “quero mais”, aproveitando a oportunidade

para estimular, assim, a iniciativa da criança a uma leitura espontânea. (ABRAMOVICH, 2006, p.191)

Por meio do ato de contar histórias, os alunos podem ficar cientes desse detalhe, para aqueles que apresentam dificuldade de entender, você pode despertar sentimentos emocionais, encantando e mediando coisas que eles ainda não conseguem entender. Crie uma história na mente do ouvinte estabelecendo expectativas e identificando a identidade.

A história não é contada para moralizar, doutrinar ou usá-los como materiais de ensino, o professor precisa perceber que a história pode trazer diversos benefícios para o aluno e para si mesmo, e que permitem a participação entre as disciplinas. Quando o professor conta a história, ele constrói uma ponte entre o leitor e o livro. E, nesse método, ele pode utilizar diversos materiais, como: bonecos, dobras, fantasias de personagens, dedos, seixos simples, enfim, tudo que possa lembrar os personagens ou o lugar onde a história aconteceu.

Essas características deixam as crianças felizes, esses materiais podem ajudar os professores a aproximar os alunos dos livros. Para formar um leitor, não basta apresentar os livros, é preciso cultivar o hábito da leitura desde cedo, e depois ter o cuidado de não transformar a leitura em uma necessidade avaliativa e, aos poucos, fazer com que as crianças se interessem cada vez mais pelos livros.

Os professores devem ter cuidado ao contar histórias, como falar de forma adequada, clara e alegre, para não se irritar com os alunos mais animados, olhar para o público, distribuir o seu olhar para todos do público, usar tons diferentes ao contar a história, usar pausas a história, usar pausar a história e explorar o silencio, as palavras e evitar ações repetitivas.

Diante dessas informações, é importante ressaltar o compromisso do professor com a composição da vontade de ler e ouvir a história, o que pode e deve ser feito pelos professores e pela criança em conjunto, ambos precisam fazer um exercício de cumplicidade e diálogo.

Por isso, ao focar a produção nacional na arte de contar histórias do ensino fundamental, buscou-se explicar as principais características e a contribuição dessas obras, é a prática pedagógica necessária a alfabetização ou a formação de leitores, eles enfatizaram que teses e dissertações são relevantes como exercícios investigativos para atingir seus objetivos acadêmicos e contribuir para o processo de formação de novos pesquisadores.

Ao buscar por autores referentes ao tema, determinou-se que o autor Walter Benjamin está presente em 100% dos trabalhos pesquisados, o autor supracitado defende que os professores são mediadores essenciais no processo de arte e contação de histórias. Refere-se a magia, tecnologia, arte e técnica desse tipo de produção, também identificou-se outro destaque de autor, como: Abromovich que enfatiza que contar histórias contribui para o desenvolvimento da linguagem e a formação de futuros leitores.

Além da regularidade e permanência feita como subsidiária da pesquisa, não podemos deixar de citar outras referências e também estar atentos a pesquisa realizada.

Dos autores pesquisados apenas Sil-

va (2014), tem consciência de um problema básico no processo de formação: planejar o papel da arte de contar histórias e sua existência efetiva no processo de formação. Os autores do estudo enfatizaram que contar histórias é uma estratégia, e ler e ouvir são conteúdos necessários para as crianças do ensino fundamental.

Em outras palavras, vai chamar a atenção das pessoas para coisas que precisam de atenção no dia a dia da sala de aula. Por que contamos histórias? Por que estudamos? Como escolhemos os livros e histórias que queremos contar ás crianças? Estas e outras questões despertam a atenção das pessoas e influenciam em nossas escolhas, que costumam se alternar entre rígidas, temporárias e improvisações, dentre outras.

A história quando é escolhida sem planejamento, ela não é especifica, mas o texto é lido, cuja finalidade é apenas transmitir informações, com pouco incitamento e motivação para as crianças. Silva (2014) chamou atenção para a necessidade de organização dos espaços educacionais, diz que é preciso deixar esse local confortável, fazer círculos onde o professor possa ficar na mesma altura dos seus alunos, utilizando materiais diversos, como: fantoches, dedoches, mudando o som e criando suspense ao longo do processo da história, explica que os professores precisam deixar os alunos a participarem ativamente na história, o ponto principal que apresenta é que o professor precisa gostar de ler e fazer o seu trabalho.

A escolha de uma boa história deve ser adequada para a faixa etária que está trabalhando e aos interesses desse público. Outra preocupação diz respeito a extensão da história, pois o tamanho da narrativa cansa e desmobiliza a criança, ou seja, reforça o problema que foi enfatizado: o planejamento da ação.

Para Silva (2014), quando um professor gosta de ler histórias, ele vai incentivar e estimular os alunos a se tornarem leitores, ressalta também que, com o apoio de sua pesquisa, muitos professores acreditam que não sabem realmente contar uma história. Praticar requer habilidades específicas e até talentos, razão pela qual muitas vezes eles deixam de usar esta importante ferramenta.

Uma preocupação básica é a formação continuada, com o objetivo de aprimorar continuamente os conhecimentos dos professores sobre a contação e a leitura, a obra literária e seus autores e as relações que permeiam a arte de contar histórias. A prática de contar histórias em sala de aula requer regularidade e persistência, está é uma atividade formativa necessária para criar o gosto pela escuta e a institucionalização da participação na roda de contagem esquecida e ou silenciosa, segundo os pesquisadores, a aprendizagem dessa arte envolve um compromisso com a aprendizagem contínua, um compromisso com a prática exigida.

A pesquisa em análise ressalta a necessidade de aprimorar a arte de contar histórias, tendo em vista a necessidade de mobilizar constantemente as crianças em um contexto altamente persuasivo e técnico, a demanda é necessária para novas tecnologias, para novos referenciais com treinamento específico. Os professores devem buscam diferentes opções para induzir as crianças a gostarem da importância da leitura, ao invés de tornar rígida a contagem, enfim, olhar para dentro, as contribuições que experimentam em seu dia a dia, isso é

contar histórias, contagiar crianças, se apropriar de histórias e reconstruí-las com base em suas realidades e experiências.

O professor e o contador de histórias são formadores dos futuros leitores, neste caso é necessário aprimorar a imaginação e a fantasia, os alunos participam, aprendem e desenvolvem suas habilidades por meio de histórias, seja o protagonista. Somente quando o professor consegue se tornar uma ponte entre o texto e o leitor é que o interesse pela leitura se forma.

As histórias contadas fornecem as pessoas oportunidades ilimitadas, ampliam seus horizontes, estimulam a criatividade e educam as pessoas para ouvir e dominar as habilidades necessárias para diferentes interpretações cognitivas. A arte de contar histórias ajuda as crianças a construir e elaborar seus pensamentos, por meio das histórias o ouvinte pode criar e recriar novos significados de acordo com suas necessidades e experiências de vida, por meio da leitura, os alunos podem entender e explicar o que está acontecendo ao seu redor.

A premissa é que, ao contar histórias, o professor pode aproximar as crianças do texto, ou seja, desde que faça com que os alunos entendam que esse tipo de leitura/ contação faz parte da reflexão e compreensão da realidade.

Utilizar a contação em sala de aula como um facilitador da aprendizagem, reiterando os seguintes aspectos: interação e o diálogo entre o narrador e o ouvinte, o comportamento criativo e a ativação biológica, e o diálogo e a harmonia entre eles, servem como condições para tornar a aprendizagem significativa. Desde que nascemos, interagimos com outras pessoas e nos integramos ativamente aos símbolos, por isso aprimoramos nossos conceitos e conhecimentos. Nesse sentido, acreditamos que quanto mais histórias as crianças ouvirem e quanto mais interações tiverem com os adultos, melhor para o desenvolvimento delas, porque assim vão aprender e se desenvolver na interação com os outros.

Quando as crianças lêem por prazer, esse tipo de leitura ajuda no desenvolvimento das funções mentais superiores e no desenvolvimento do pensamento abstrato. Por meio da leitura e da narração de histórias, você pode compreender e aprender o conteúdo de ensino e o mundo ao seu redor, esta é uma maneira prazerosa de deixar as crianças adquirirem conhecimento é uma alegria. Vale ressaltar que cada uma das obras citadas nesta pesquisa está de acordo com a base teórica desta pesquisa, mostrando a importância da narrativa, da leitura e da arte.

Contação de histórias, magia, criatividade, como prática de exercícios, comunicação e treinamento de habilidades humanas. O destaque vem do fato de que mesmo na era da tecnologia da informação e da inserção de novos recursos diferenciados, a boa e velha visão, os gestos, os símbolos, a comunicação oral e gráfica não serão ignorados, porque dadas as possibilidades que delas vem. Os professores do ensino fundamental têm a responsabilidade de garantir um diálogo que interaja com outras correlações formativas.

3. CONCLUSÃO / CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve o objetivo de analisar os conteúdos relacionados a arte de

contar histórias no ensino fundamental e sua metodologia. Vale destacar que o pequeno número de produções é um indicador da força deste trabalho. Considerando o horizonte temporal estabelecido dos escritos que foram utilizados como busca, ressaltou ainda a importância desse tipo de pesquisa e releitura da realidade observada em sala de aula e da realidade vivenciada de outra forma por meio dessa busca.

A leitura que foi feita na composição permite explicar que a prática de contar histórias não é uma atividade simples e casual, apenas para tomar tempo, principalmente no início do ensino fundamental. Portanto, é uma atividade formativa essencial para a vontade de formar lendo, ouvindo e contando histórias alheias e suas, e escrevendo e reescrevendo-as com regularidade e durabilidade, necessárias para as crianças, adolescentes, jovens, adultos e principalmente professores da primeira sério do ensino fundamental.

Nesse sentido, voltamos a Silva (2006) para confirmar as reflexões levantadas quando apontou que o papel da escola é proporcionar espaço para encontros entre alunos, leitores, livros, magia, encantamento e a imaginação, entre o criador e a criatura, entre o encanto e o desencanto, para que estes espaços e possibilidades possam promover um ambiente agradável de leitura, para ler e escrever esta estratégia mágica de aprender e ensinar, falar, ouvir e criar histórias.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. Literatura Infantil: Gostosuras e Bobices. 2ª ed. São Paulo: Scipione, 1997.

ABRAMOVICH, Fanny. Literatura infantil: gostosura e bobices. 5.ed. São Paulo: Scipione, 2006.

BAMBERGER, Richard. Como incentivar o hábito da leitura. 1ª ed. São Paulo: Cultrix, 1977.

BATISTA, Cleide Vitor Mussini. Hora do conto: um espaço para brincar com as palavras. In. Trabalho pedagógico na educação infantil. Londrina: Humanidades 2007.

1998.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (9394/98). Brasília,

Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Pacto nacional pela alfabetização na idade certa: currículo na alfabetização: concepções e princípios: ano 1: unidade 1 / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Brasília: MEC, SEB, 2012.

COELHO, Betty. Contar história: uma arte sem idade. 10ª ed. São Paulo: Ática, 1995.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. Pesquisas denominadas “estado da arte”. Educação & Sociedade, ano XXIII, nº 79, Agosto/2002.

MORAES, Fabiano. Contar histórias: a arte de brincar com as palavras. Petrópolis – RJ: Vozes, 2012. OLIVEIRA, Maria Alexandre de. Dinâmicas em literatura infantil.